

# A PRODUÇÃO CIENTÍFICA É COMPATÍVEL COM O DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO DO PAÍS

**Rogério César Cerqueira Leite**

POR NELSON ASHCAR



Foto: Gladstone Campos/Abril Imagens

**O** professor Rogério Cerqueira Leite foi um dos primeiros a registrar o caráter cambiante do político

FHC. "As metamorfoses de Fernando Henrique", publicado na *Folha de S. Paulo*, em junho de 94, provocou a ira dos correligionários do então candidato a presidente da República. Nesse artigo é remontada a trajetória de FHC desde os tempos em que, jovem acadêmico,

"manipulava o Conselho Universitário da USP com a competência de um D'israeli" até a "troca de carícias com o imperador da Bahia, ACM".

Provocado a falar sobre o papel da personalidade política de FHC nos eventos políticos dos últimos anos, declarou: "FHC deu uma fisionomia palatável para a direita brasileira, que é uma direita profissional, com muitos vícios. Ele conseguiu dar uma cara que serviu a ela. Se o caminho era para ser esse, ele era o homem ideal. Penso que o presidente Fernando Henrique não tinha uma consistência, digamos, típica que se podia esperar da sua vida acadêmica. Ele tinha uma máscara de pesquisador, de homem de ciência, etc. Mas a vida dele, dentro da universidade, tinha sido já bastante política e com muitas reviravoltas. Ele já era parecido com o PFL. Ele tinha os vícios da política tradicional brasileira; aquela troca de favores. Ele também demonstrou essa faceta enquanto senador: já durante o governo Montoro ele fez um grande esforço de manipulação, um certo jogo de poder para colocar pessoas aqui e acolá no sentido de apoiar sua carreira política. Não se esqueça de que o Sérgio Motta foi imposto por ele e já havia aliança com o José Serra. Esse acordo não é de agora, é desde aquela época. Os métodos dele não eram diferentes dos do Quéricia, só que com uma cara mais limpa".

O professor Rogério Cerqueira Leite sempre foi um avaliador crítico da produção científica brasileira. Nesse depoimento ele falou sobre Ciência e Educação no Brasil hoje:

**Todos os outros ministérios pediram descontingenciamento de verbas e o Ministério da Ciência e Tecnologia foi o único que não pediu. Quer dizer, o ministro anterior estava mais interessado em se mostrar bem comportado para as áreas mais poderosas do governo, inclusive a Presidência da República, do que fazer, realmente, seus programas andarem.**

"A ciência brasileira, sem sombra de dúvida, progrediu muito. Não é fruto desses últimos quatro ou cinco anos; é fruto de ações adotadas num passado mais distante. Uma destas ações foi o apoio à pós-graduação no país, que foi feito com bastante recurso desde o governo Geisel... até mesmo um pouco antes. Naquele momento foi criada a Finep; a USP teve condições de desenvolver ainda mais a especialização que ela tinha e a Unicamp foi criada. Várias coisas aconteceram, como a o surgimento de novos grupos. A ciência efetivamente começou no Brasil nessa época. Depois, teve um programa feito no governo Sarney, em apoio à pós-graduação, com uma quantidade muito grande de bolsas, tanto no exterior como no próprio país. E esse programa de bolsistas deu tão certo que hoje temos um grupo de cientistas jovens de bom nível. Isso tudo não tem nada a ver com o atual governo, que, na verdade, está usufruindo, digamos, desses benefícios. A produção científica brasileira é compatível com o desenvolvimento econômico do país.

Sei que estão ocorrendo cortes na área de C&T, porém, acho que foi muito por falta de vontade política de um ministro da Ciência e Tecnologia que não lutava pelas verbas. Todos os outros ministérios pediram descontingenciamento de verbas e o Ministério da Ciência e Tecnologia foi o único que não pediu. Quer dizer, o ministro anterior estava mais interessado em se mostrar bem comportado para as áreas mais poderosas do governo, inclusive a Presidência da Re-

**Costumam citar os Estados Unidos como exemplo, mas é preciso entender que se trata de uma situação completamente diferente. Além do mais, as universidades lá têm um outro propósito, que não é o do comércio. Aqui, as universidades visam ao lucro, o que é incompatível com a pesquisa. A pesquisa não dá lucro imediato, é um investimento a longo prazo.**

pública, do que fazer, realmente, seus programas andarem. O Serra faz exatamente o oposto. Ele briga com todo mundo e quer fazer o seu ministério. Então, era como se o Ministério da Ciência e Tecnologia não acreditasse em ciência e tecnologia. O próprio ministro não fazia o mínimo esforço. Isso fez um mal terrível: primeiro, porque não veio dinheiro; segundo, porque produziu uma atitude psicológica extremamente negativa. Se você sabe que o seu ministro não acredita no que você está fazendo, ou que não vai lutar para arranjar dinheiro para você, não se incomoda com aquilo que você está fazendo, passa a existir um certo desânimo. Esse ministro chegou a dizer para em público: "se não tiver dinheiro, vão para praia para fazer pesquisa". Quando um ministro diz isso, produz, digamos, uma atitude mental extremamente negativa e, muito provavelmente, isso foi o que houve de pior no governo Fernando Henrique. Não foi a falta de dinheiro, mas foi colocar um ministro dessa natureza, que só pensou em se manter no governo.

Houve, porém, um apoio mais sensato em alguns estados como Pernambuco, por exemplo. O Miguel Arraes deu um apoio inteligente às áreas de Ciência e Tecnologia e de Educação. Então, houve uma certa compensação em relação às reduções federais. Houve, também, um amadurecimento da comunidade científica que ficou mais competente e se apoiou muito mais em recursos externos. Quer dizer, os brasileiros passaram a se associar a cientistas no exterior e fazer pesquisas no Brasil, porém, usando de alguns meios exis-

tentes no exterior. Essa atitude aumentou bastante o nosso capital intelectual. Houve, portanto, um progresso satisfatório.

Porém, é preciso deixar claro que se o país continuar no mesmo nível de investimento atual, o risco é que isso desapareça. Podemos chegar, muito rápido, à degradação deste quadro.

Com relação à educação como um todo, acho que o Paulo Renato não está fazendo um bem tão

grande quanto ele diz, mas seguramente ele não é um indivíduo mal intencionado. Ele está fazendo algumas coisas razoáveis. Agora, ele não é um educador; entrou recentemente nessa área. Tá certo que ele teve uma experiência em São Paulo, como secretário da educação, e foi reitor da Unicamp. Porém, ser reitor é uma coisa, a outra é ser educador. Acredito que existe gente com mais experiência em educação do que o Paulo Renato, que, na realidade, é um executivo. Precisamos parar de colocar economista em tudo quanto é lugar. O Brasil virou uma espécie de país dos economistas.

Quanto à pesquisa, a universidade que funciona mesmo é a universidade pública. Ouvem-se algumas citações, como a Católica do Rio de Janeiro, com relação às universidades privadas. Agora, as que estão em São Paulo fingem que fazem pesquisa. Isso tudo é um jogo político. Na realidade, elas nunca vão fazer pesquisa. É muito difícil. Costumam citar os Estados Unidos como exemplo, mas é preciso entender que se trata de uma situação completamente diferente. Além do mais, as universidades lá têm um outro propósito, que não é o do comércio. Aqui, as universidades visam ao lucro, o que é incompatível com a pesquisa. A pesquisa não dá lucro imediato, é um investimento a longo prazo".

**Nelson Aschcar** é professor da Poli/USP.

